

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO

Édina de Fatima de Almeida (UEL)

edifatro@hotmail.com

Sandro Bochenek (PUC-SP)

sandro@marilia.unesp.br

RESUMO

Este artigo fundamenta-se nos constructos teóricos da sociolinguística, especialmente da sociolinguística variacionista, numa interface com a teoria Sociointeracionista. Nosso *corpus* é composto pela coleção de Língua Portuguesa para o Ensino Médio (Manual do Professor), elaborada por Carlos Alberto Faraco, aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-2015). Nossa pesquisa está apoiada especificamente nos estudos teórico-metodológicos de Bagno (2005), Faraco (2004), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), dentre outros, além dos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio de Língua Portuguesa – PCN (BRASIL, 1999)*. Nosso objetivo principal é averiguar como esta coleção aborda o fenômeno da variação linguística, da heterogeneidade, do multilinguismo e do preconceito linguístico. Utilizou-se, para este trabalho, a pesquisa bibliográfica e documental, a qual é uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo e perspectiva teórica. Verificou-se, pelas análises, que esta coleção aborda a variação linguística, porém com limitações no que se refere às atividades, que deveriam abordar mais questões sociais, além de abranger os contrastes e conflitos do uso das variedades estigmatizadas e as de prestígio.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação linguística. Livro didático.

1. Introdução

Este artigo pretende discutir a questão da variação linguística proposta nos três volumes de 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, da coleção “Português – Língua e Cultura”, de Carlos Alberto Faraco. Assim, busca-se elucidar algumas questões que envolvem o referido fenômeno e o processo de ensino/aprendizagem. Desse modo, é de extrema importância observar como o tema é abordado no referido manual, tendo em vista trata-se de material didático destinado às escolas públicas brasileiras.

Acreditamos que tal análise é de extrema importância em virtude da heterogeneidade presente em qualquer manifestação linguística, responsável, inclusive, pela transformação de uma língua em outra (ou em outras), como é o caso do latim que se transformou em francês, espanhol, italiano e o português de Portugal que, em virtude de um processo de

mudanças ocorridas ao longo de séculos, transformou-se no que se conhece hoje por “português brasileiro”.

Do ponto de vista metodológico, o fenômeno da variação pode ser observado sob diversos prismas de acordo com a intenção do pesquisador. Atenta-se para questões internas ao sistema linguístico que poderão ser de ordem estrutural. Isso implica determinados tipos de construções gramaticais, ou de ordem social; envolve fenômenos externos à língua e mais difíceis de serem corretamente analisados, até mesmo pelas diversas forças de caráter extralinguístico, que interagem e afetam a relação língua/sociedade.

Desse modo, a sociolinguística representa campo fértil e carente de pesquisas, pois propõe não apenas o rompimento com o estruturalismo, mas uma evolução em termos de observação, análise e descrição das muitas possibilidades do complexo sistema de comunicação e da interação social definido como “língua”.

Esperamos estabelecer com o presente estudo não apenas um diagnóstico de como é trabalhada a questão da variação linguística nos manuais, mas contribuir com reflexões que demandem mais pesquisas e, principalmente, a elaboração de mais livros didáticos que tragam presentes exercícios respeitando a variação linguística de todos os falantes.

2. *Pressupostos teóricos*

Os estudos linguísticos ganharam novo panorama com a Sociolinguística – iniciada a partir dos anos 60 tendo William Labov como um dos seus precursores mais famosos e representativos ainda hoje na área. Rompem com os paradigmas propostos pelo estruturalismo que, ao entender a língua como sistema estruturado, não levava em consideração aspectos relativos à variação presente em todos os sistemas linguísticos.

Era preciso considerar a variação como parte integrante do sistema linguístico para que ela constituísse objeto da análise linguística sistemática; rompendo, assim, com a visão estruturalista de que o sistema linguístico seria o domínio da invariância. (LUCCHESI, 2004b, p. 166)

A sociolinguística reconhece que a língua não é homogênea e, desse modo, passa a ter como objeto de estudo a língua e seu contexto social a fim de esclarecer os elementos responsáveis pelos processos de mudança, desde o desencadeamento de determinado fenômeno até o processo total de conclusão. Dante Lucchesi (2004a, p. 63) assevera que “à

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

heterogeneidade real do comportamento linguístico dos indivíduos contrapõe-se a homogeneidade artificial do padrão normativo ideal”. José Lemos Monteiro (2000) esclarece a diferença entre os objetos de estudo da sociolinguística e da sociologia da linguagem, de modo a evitar confusão metodológica entre ambas:

[...] a sociolinguística analisa os aspectos sociais com o intuito de compreender melhor a estrutura das línguas e seu funcionamento. Por sua vez, a sociologia da linguagem busca alcançar um melhor entendimento da estrutura social através do estudo da linguagem. A diferença, em última análise, é uma questão de ênfase, conforme o pesquisador esteja mais interessado pela linguagem ou pela sociedade. (MONTEIRO, 2000, p. 28)

Os estudos gramaticais baseados em modelos literários surgiram por volta do século III a. C. na Grécia, cuja preocupação era preservar a “pureza da língua”, a fim de se evitar a “corrupção” da fala (BAGNO, 2001). Percebemos que esse modo de entender a fala como um ‘erro’, como ‘vícios de linguagem’ é algo que ainda se faz presente no modo como alguns gramáticos prescrevem e recomendam que sejam adotadas atitudes diferenciadas frente a determinado objeto de pesquisa. A mídia é outro mecanismo que reforça a existência de determinadas construções ‘corretas’. Portanto, são aceitáveis e outras construções são taxadas como ‘incorretas’, logo, não fazem parte da língua. Todavia, a língua possui grande variabilidade de formas as quais são utilizadas pelos mais diferentes grupos de falantes. A variedade de formas é algo presente em todas as línguas e é, inclusive, um mecanismo natural responsável pela criação de formas inovadoras e também pela transformação de um idioma em outro (ou outros), como é o caso do latim que se transformou em português, espanhol, italiano e francês.

Salientamos, entretanto, que uma língua possui gramática própria e há regras que não podem ser infringidas, pois se corre o risco de produzir frases agramaticais. Esse fenômeno pode ser facilmente observado quando um estrangeiro está aprendendo um novo idioma e aplica regras da língua materna à língua alvo, como se houvesse uma equivalência entre elas. Isso, entretanto, dificilmente será observado em um falante nativo da língua. Para Joaquim Matoso Câmara Júnior (2009), “de qualquer maneira, a invariabilidade profunda em meio de variabilidades superficiais, é inegável nas línguas” (CÂMARA JÚNIOR, 2009, p. 17). Dessa forma, a sociolinguística tem como um dos objetivos buscar respostas para quais regras da língua são rígidas (pelo menos temporariamente) e quais dessas ‘regras’ sofrem interferências de outros fatores, como socioeconômicos, grau de escolaridade, faixa etária etc.

Mas, além das regras categóricas ou invariantes, existem e, sem dúvida em maior abundância, as regras variáveis. Aplicam-se sempre quando duas ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social. (MONTEIRO, 2000, p. 58)

As regras variantes da língua ocorrem em maior escala em virtude de dependerem exclusivamente de uma opção, de uma escolha, ou ainda da competência do indivíduo em optar por uma ou outra forma de construção. Desse modo, podemos dizer que o fenômeno da variação ocorre por atitude do falante. Ao contrário, as regras invariantes dependem de questões inerentes ao próprio sistema linguístico. Dessa forma, o resultado é um fenômeno mais rígido e mais fácil de ser precisamente observado e descrito. Dessa forma, fica evidente quão árdua pode ser a tarefa do linguista que busca trabalhar com a variação linguística.

Enfatizamos que o fenômeno da mudança linguística frequentemente ocorre por uma construção inovadora, motivada por razões diversas e, em geral, são consideradas erradas e inadequadas por certo tempo. Na medida em que passa a ser usada ostensivamente por diversas camadas da população (geralmente isso ocorre em espaço temporal relativamente pequeno), a forma anterior (substituída pela forma inovadora) ganha status de arcaica; desse modo, ocorre uma mudança linguística completa. A esse respeito, José Lemos Monteiro (2000, p. 65) aponta que, “em geral, quando se trata do dialeto padrão, a primeira [forma conservadora] goza de maior prestígio na comunidade, a inovadora, até ser aceita, sofre alguma restrição ou estigma”.

É preciso que a escola respeite todas as variedades linguísticas que o aluno traz e não rotule a língua usada como ‘feia’, ‘bonita’, ‘certa’, ‘errada’. Mas, que haja orientação clara no sentido de demonstrar que existe grande variedade de escolhas no repertório e que algumas dessas escolhas são marcas características de determinados grupos sociais. É mister, ainda, que esse trabalho de conscientização, no sentido de desconstruir preconceitos e construir reflexões produtivas acerca do idioma, comece desde muito cedo na escola, seja por orientações e debates produzidos pelos professores, seja presente nas próprias atividades pedagógicas, como pretendemos verificar.

O conceito de norma precisa ser melhor esclarecido, até mesmo porque o domínio da ‘norma’ torna-se algo muito superficial e subjetivo para ser trabalhado na escola. Desse modo, Dante Lucchesi (2004a) esclarece que há variabilidade mesmo no conceito de norma e faz distinção

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

entre dois pares de norma em oposição, como norma objetiva/norma subjetiva e norma padrão/norma culta. Nas palavras do autor:

[...] NORMA OBJETIVA e NORMA SUBJETIVA: aquela relativa a padrões observáveis na atividade linguística de um grupo determinado, esta relativa a um sistema de valores que norteia o julgamento subjetivo do desempenho linguístico dos falantes dentro de uma comunidade.

[...] NORMA PADRÃO e NORMA CULTA: a primeira reuniria as formas contidas e prescritas pelas gramáticas normativas enquanto a segunda conteria as formas efetivamente apreendidas da fala dos segmentos plenamente escolarizados, ou seja, dos falantes com curso superior completo. (LUCCHESI, 2004a, p. 64-65)

A análise das dicotomias apresentadas pelo autor aponta a oposição entre norma objetiva/norma subjetiva, a qual é pertinente de ser trabalhada pelo professor no sentido de conscientizar o aluno para fenômenos linguísticos que efetivamente ocorrem em oposição às atitudes inconscientes praticadas em termos de usos. Já em relação à oposição entre norma padrão e norma culta, percebe-se que há ênfase na escola em valorizar e trabalhar a norma padrão a fim de acessar a norma culta. Entretanto, o vínculo entre a norma padrão e a norma culta não é algo automático, ou seja, exercícios gramaticais podem ou não levar o aluno à competência linguística, pois são habilidades distintas. Um usuário competente da língua pode ser ou não um conhecedor profundo das regras gramaticais, a exemplo do escritor Luis Fernando Veríssimo que, em entrevistas, já alegou não conhecer gramática; embora seja um profundo conhecedor de regras, pode apresentar certa dificuldade em se expressar corretamente.

O fenômeno da variação linguística deixa saliente a questão relativa às variações sociais inerentes a qualquer sociedade bem como as relações de poder entre grupo socialmente distintos. Por esse motivo, não se pode negar a existência do fenômeno. Muito pelo contrário, deve-se estudá-lo justamente por ser a língua um dos principais mecanismos de manipulação ideológica, utilizados por grupos detentores de poder para assim se manterem. Nesse sentido, a conscientização do fenômeno torna-se mais do que um mero elemento pedagógico ou ferramenta de políticas afirmativas, torna-se uma ferramenta capaz de desencadear e auxiliar a romper com relações desiguais de poder, ou ainda, romper com discursos comuns que utilizam critérios estéticos e pragmáticos como ferramenta de discriminação e legitimação de dominados/dominadores.

[...] cada vez mais se aceita a ideia de que a heterogeneidade linguística reflete a variabilidade social e as diferenças no uso das variantes linguísticas corres-

pondem às diversidades dos grupos sociais e à sensibilidade que eles mantêm em termos de uma ou mais normas de prestígio. (MONTEIRO, 2000, p. 58)

Deste modo, argumentamos que, ao se trabalhar a questão da variação linguística, a escola desempenha um papel muito mais importante do que quando leva o aluno a refletir sobre a língua. A escola desempenha o papel social, capaz de conduzir o aluno a uma real autonomia intelectual.

O fenômeno da variação linguística em termos sociais esbarra, ainda, fortemente em questões relativas ao preconceito linguístico e ao jogo de poder e domínio de classes sociais dominantes sobre as classes sociais dominadas. Sobre esse aspecto, Maurizio Gnerre (2003) nos esclarece que

[...] o problema é, por um lado, de compreensão de mensagens e conteúdos e, por outro lado, de produção de mensagens. A começar do nível mais elementar de relações com o poder, a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder. Para redigir um documento qualquer de algum valor jurídico é realmente necessário não somente conhecer a língua e saber redigir frases inteligíveis, mas conhecer também toda uma fraseologia complexa e arcaizante que é de praxe. (GNERRE, 2003, p. 22)

Portanto, fica evidente que a discussão acerca da linguagem vai muito além da descrição ou mesmo da reflexão de valores superficiais como certo/errado, adequado/inadequado, feio/bonito. A reflexão sobre a língua extrapola o domínio individual, vai para o domínio social e compreende ao que de fato se espera da escola, ou seja, a formação não apenas para o mercado de trabalho, mas formação para a busca da autonomia do indivíduo, que possa inquirir a construção de uma sociedade mais justa, política e igualitária, há tempos perseguida pelos documentos oficiais e intelectuais que discutem os papéis da educação na contemporaneidade.

Segundo os princípios democráticos, nenhuma discriminação dos indivíduos tem razão de ser, com base em critérios de raça, religião, credo político. A única brecha deixada aberta para a discriminação é aquela que se baseia nos critérios da linguagem e da educação. (GNERRE, 2003, p. 25)

Logo, há necessidade de pesquisas acerca da sociolinguística, mas pesquisas efetivamente exequíveis para que se busque melhor qualidade de ensino, já tão precário e politizado no Brasil.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

3. Procedimentos metodológicos

A proposta metodológica adotada nesta pesquisa baseia-se na descrição dos dados. O *corpus* é composto de três livros didáticos de língua portuguesa (manual do professor), adotados em algumas escolas do Paraná. Quanto à escolha da coleção “Português – Língua e Cultura”, de autoria de Carlos Alberto Faraco, deu-se pelo motivo de sua proposta abordar a variação linguística em uma perspectiva crítica embasada na Sociolinguística. Além de terem sido indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD 2015 e adotados no ano de 2015, em escolas de Londrina e Cascavel, cidades em que residem os pesquisadores.

4. A variação linguística nos livros didáticos

Considerando-se que o objetivo deste trabalho é analisar o trabalho com a variação linguística nos três volumes de 1º, 2º e 3º anos do Ensino médio, da coleção “Português – Língua e Cultura”, de Carlos Alberto Faraco, escolhemos esta coleção por ter sido aprovada pelo Ministério da Educação (MEC) e, ainda, resenhada pelo *Guia do Livro Didático* (BRASIL, 2014), além de destacar-se pelo trabalho com a língua padrão em uma perspectiva crítica embasada na sociolinguística.

Optamos, portanto, por apresentar, no primeiro momento, uma descrição sucinta do autor da coleção e a identificação de cada um dos volumes dessa coleção, e, em um segundo momento, apresentar a descrição detalhada de cada volume com comentários relacionados aos textos, atividades que proporcionarem uma visão variacionista da língua, ou seja, expondo temas referentes à heterogeneidade, ao multiculturalismo e ao preconceito linguístico.

4.1. Breve revisão sobre o autor

Dr. Carlos Alberto Faraco, professor titular (aposentado) da Universidade Federal do Paraná, é conhecido por sua larga experiência na área de linguística, com ênfase em linguística aplicada. Possui graduação em letras português/inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1972); é especialista em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; mestre em linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1978); doutor em linguística pela Universidade de Salford (1982), com pós-doutorado em linguística pela *University of California*

(1995-96). O autor expõe reflexões sobre o trabalho escolar com a linguagem na perspectiva dialógica e apresenta em seus trabalhos a necessidade da escola ajustar suas práticas às novas propostas visadas pela sociolinguística educacional.

Autor de obras como: *Estrangeirismos: guerras em torno da língua* (2001); *Linguística Histórica: introdução ao estudo da história das línguas* (2005); *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós* (2008); *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin* (2009); *Linguagem Escrita e Alfabetização* (2012); *Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino* (2015), obra esta publicada juntamente com Ana Maria Stahl, além de muitas outras.

4.2. Visão geral da coleção¹⁸

Consoante o guia de livros didáticos PNLD 2015, a coleção "Português – Língua e Cultura" é organizada como um compêndio, ou seja, apresenta uma proposta de ensino-aprendizagem que leva o aluno a refletir sobre a linguagem em seu contexto de uso. São apresentadas discussões a respeito do funcionamento da língua e da linguagem (linguagem verbal e não verbal, origem da linguagem, língua como um sistema complexo e flexível, variação linguística). Com relação ao ensino de literatura, a coleção sucede em uma perspectiva cronológica, assim, mostra a relação entre literatura e contexto sócio histórico. A literatura brasileira é exposta com ênfase; todavia, a coleção apresenta também as literaturas portuguesa e africana.

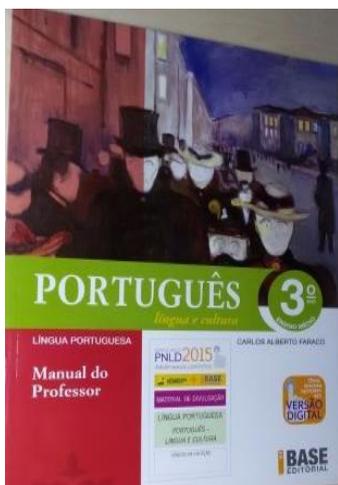
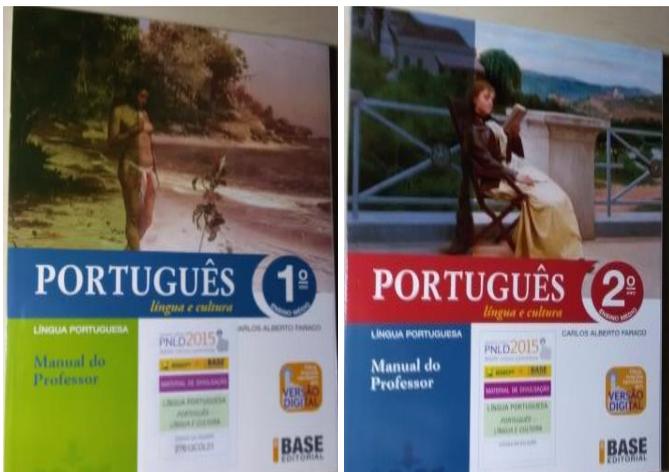
Conforme o *Guia de Livros Didáticos PNLD 2015*, a produção escrita é abordada nesta coleção, de forma a ser situada no universo de uso social. Apresenta temáticas articuladas às atividades de leitura, porém, nem sempre são estabelecidas condições de produção. Já em relação à oralidade, apresenta atividades de debate e de retextualização da fala para a escrita. Entretanto, oferece poucos exemplos de gêneros orais e restringe-se à leitura expressiva e à conversa entre alunos. Os conhecimentos linguísticos são abordados de maneira a levar os alunos à reflexão sobre os usos linguísticos.

¹⁸ As informações referentes aos tópicos "Visão geral da coleção" e "Descrição da coleção" foram baseadas nos dados encontrados no *Guia de Livros Didáticos PNLD 2015*. Disponível em: <<http://www.fnnde.gov.br/arquivos/category/125-guias?download=9009:pnld-2015-portugues>>.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Em relação ao *Manual do Professor*, apresentado pela coleção, o *Guia de Livros Didáticos PNLD 2015* esclarece que, de maneira objetiva e inequívoca, a coleção apresenta bases teórico-metodológicas e reflexões importantes sobre os vários eixos da língua assim como sobre a prática docente.

4.3. Descrição da coleção



A coleção é composta por três volumes (1º, 2º e 3º anos) do ensino médio e os capítulos da coleção estão organizados em cinco blocos (1- Gênero, 2- Literatura, 3- Enciclopédia da Linguagem, 4- Almanaque Gramatical e 5- Apêndice).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O bloco ‘Gêneros Textuais’ é dividido em 17 capítulos, em que cinco deles são do volume 1; sete capítulos são referentes ao volume 2 e cinco ao volume 3. O último bloco explora sobre a leitura e a produção de textos de gêneros considerados relevantes para a formação do aluno. Os volumes estudados apresentam grande diversidade de textos literários (crônicas, contos, romances e poemas), informativos (notícias, reportagens, enciclopédia), de opinião (entrevistas, editoriais e artigos), publicitários. Além desses, há dois capítulos mais gerais: um de estudos dos textos mais comuns no jornalismo e outro que toma um tema (a cidade) e contrasta a abordagem em textos literários, informativos e de opinião.

O bloco “Enciclopédia da Linguagem” destina-se à análise da língua e da linguagem. Está dividido em cinco capítulos distribuídos nos volumes 1 e 2, cujo objetivo é proporcionar uma reflexão sobre os fenômenos da língua/linguagem. Esses volumes propõem a compreensão desse fenômeno, de modo a levar os alunos a posicionarem-se de maneira crítica e reflexiva, e assim trazer para o centro da discussão questões como preconceito linguístico, variação linguística, empréstimos, estrangeirismo etc. (BRASIL, 2015, p. 51). Tal assunto é abordado no volume 3 apenas a partir do estudo do texto “O preconceito nosso de cada dia” de Jaime Pinsky e no capítulo 11 do guia normativo 1 em “Tópicos de língua padrão”, no qual o autor retoma os assuntos abordados nos volumes 1 e 2.

O bloco “Almanaque Gramatical” apresenta tópicos da análise gramatical da língua e é composto por quatro capítulos: dois no volume 1 (relativos ao léxico e à classificação das palavras), e dois no volume 2 (sentenças simples e complexas).

O bloco “Guia Normativo”, presente nos volumes 2 e 3, apresenta quatro capítulos com temas relacionados às características da língua padrão do Brasil. A partir de uma perspectiva crítica, embasada na sociolinguística, esse bloco aponta normas básicas da língua, quais sejam: a concordância, a regência, o infinitivo flexionado, o uso de pronomes pessoais e possessivos, variação linguística etc., cujo objetivo é sistematizar algumas regras de uso da gramática.

O último bloco “História da Literatura” apresenta subsídios para que os alunos tenham conhecimento da dimensão cultural das literaturas brasileira, portuguesa e africana, visto que se expõem contextos tais como o social, econômico e cultural da época em estudo, além de apresentar textos de diversos autores representativos das literaturas brasileira,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

portuguesa e africana, que estão dispostos em diversos gêneros literários: poemas, romances e contos.

Ao final de cada um dos volumes, a coleção também apresenta três apêndices. No primeiro, trabalha-se a pontuação; no segundo, a acentuação gráfica; e no terceiro, a crase e a hifenização.

O *Manual do Professor* se configura como encarte no final do livro e traz as seguintes seções: “Apresentação”, “Sumário”, “1. Concepção de língua”, “2. Grandes objetivos – leitura, escrita, oralidade, reflexões sobre a linguagem”, “3. A interdisciplinaridade: ensino de língua portuguesa num currículo integrado”, “4. Considerações sobre metodologia e avaliação”, “5. Organização da coleção”, “6. Funções do livro didático”, “7. Sugestões bibliográficas”, “8. Apresentação dos capítulos do livro”.

No manual do professor é possível a visualização dos princípios teórico-metodológicos, considerações a respeito do uso do livro didático, verificar reflexões sobre avaliação, além de apresentar discussões sobre a abordagem sugerida pelo livro para questões relativas à leitura, produção textual e ensino da gramática normativa. Porém, não apresenta respostas dos exercícios e nem sugestões detalhadas para orientação do trabalho do professor.

5. *A coleção “português – língua e cultura” e o tratamento das variedades linguísticas*

Com base nas discussões anteriores, analisaremos alguns fragmentos da coleção “Português – Língua e Cultura” dos 1º, 2º e 3º anos do ensino médio¹⁹, que nos possibilitará compreender melhor as propostas de estudo e do tratamento das variedades linguísticas nesta coleção de livros didáticos.

5.1. Análise da coleção “Português – Língua e Cultura”

Os encaminhamentos didáticos e pedagógicos do livro em análise “Português – Língua e Cultura”, de Carlos Alberto Faraco (2013a, p. 266), orientam o trabalho com o fenômeno da variedade linguística. No

¹⁹ As referências da coleção, no texto, serão feitas da seguinte forma: volume 1 refere-se a Faraco, 2013a; volume 2, a Faraco, 2013b; volume 3, a Faraco, 2013c.

Manual do Professor, no tópico “Reflexões sobre a linguagem”, o autor salienta que a coleção não deve concentrar-se exclusivamente na dimensão prática, ou seja, oferecer somente o domínio das atividades sociointeracionais de fala, de leitura, de escrita, mas sim, trabalhá-las em conjunto com uma ação reflexiva sobre a própria linguagem para integrar as práticas socioverbais e o pensar sobre elas. Também, pondera que esse pensar deve envolver a compreensão da realidade estrutural da linguagem (organização gramatical e funcional), juntamente com a compreensão de sua realidade social e história (variação linguística).

Já em “A variação linguística e a questão da língua padrão”, o autor diz que

os alunos precisam aprender a perceber, sem preconceito, a linguagem como um conjunto múltiplo e entrecruzado de variedades geográficas, sociais e estilísticas; e a entender essa variabilidade como correlacionada com a vida e a história dos diferentes grupos sociais de falante. (FARACO, 2013a, p. 266)

Assim, destaca-se a necessidade de a escola levar seus alunos a desenvolverem atitude crítica diante dos preconceitos linguísticos, que atrapalham nossas relações sociais. Tal atitude estimulará práticas positivas frente às diferenças e contribuirá para a reconstrução do imaginário nacional sobre nossa realidade linguística.

Carlos Alberto Faraco ainda tece críticas ao normatismo, por não dimensionar adequadamente a variação linguística e por condenar como erro todas as formas que não estão de acordo com aquilo que está prescrito nos manuais de gramática. Ainda acrescenta que o padrão escrito pelo seu caráter artificial e arbitrário tem sido fator de exclusão. Consoante o autor, a língua padrão não deve ser compreendida como única manifestação da língua, mas como uma dentre as suas variedades.

O referido autor acredita que “a escola renovando criticamente seus modos de ensinar a língua padrão, poderá contribuir significativamente para superarmos os nós que tradicionalmente embarçam o seu domínio no Brasil e para reconstruirmos o imaginário nacional sobre a língua portuguesa que aqui se fala e se escreve”. (FARACO, 2013a, p. 267)

O título da coleção “Português – Língua e Cultura” apresenta equilíbrio do estudo do texto, com reflexões intuitivas e sistemáticas sobre a língua para, dessa forma, oferecer aos alunos uma compreensão da realidade estrutural e sociocultural da língua.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Na introdução dos três volumes dessa coleção, o mencionado autor salienta que “não basta praticar a leitura, a escrita e a fala”, mas que para garantir a eficácia dessa prática é necessário “adquirir um saber sobre esse fantástico fenômeno que é a linguagem verbal, somado a um conjunto de reflexões sobre a própria língua portuguesa, percebendo aspectos de sua organização estrutural e de seu funcionamento social”.

No volume 1 desta coleção o autor faz a apresentação do conteúdo sobre a linguagem/língua no capítulo 10, no bloco “enciclopédia da linguagem (1) intitulado “Linguagem e linguagens” e apresenta o termo linguagem e suas variedades

Quando então usamos o termo linguagem, estamos nos referindo a um conjunto bastante complexo de formas de comunicação e significação. Esse complexo conjunto inclui a linguagem verbal (falada ou escrita) e também todas as outras linguagens, como a música, o desenho, a pintura, a linguagem dos surdos, a escultura a dança, os gráficos, os gestos e toda a expressão corporal - essa pluralidade de linguagens que nos constituem como seres simbólicos. (FARACO, 2013a, p. 167)

O autor continua essa explanação apresentando textos sobre a linguagem dos animas e, na sequência, apresenta o gênero fábula. No capítulo 11, no bloco “Enciclopédia da linguagem (2) intitulado “A origem da linguagem”, o autor exhibe textos sobre a origem da linguagem e sobre a linguagem dos surdos.

No capítulo 12, no bloco “Enciclopédia da linguagem (3), intitulado “ A complexidade das línguas”, o autor apresenta o termo língua e expõe uma introdução à variação linguística e ao preconceito linguístico.

Falamos, normalmente, muito sobre a língua. Ela nos é tão familiar, está tão dentro de nós (somos seres feitos de linguagem) (...) sai tão espontaneamente na fala cotidiana, nos liga aos outros em todas as circunstâncias, das mais íntimas às mais distantes (ela sustenta todas as relações sociais) (...). (FARACO, 2013a, p. 185)

Contudo, essa familiaridade toda não impede que alguns, não tendo ideia clara de como as línguas são, fiquem repetindo afirmações errôneas sobre elas. Se essas afirmações fossem inofensivas, não precisaríamos discuti-las. Ocorre que, em geral, elas carregam *complicados preconceitos linguísticos e culturais* e terminam por prejudicar os outros. (FARACO, 2013a, p. 185)

Carlos Alberto Faraco (2013a, p. 186) afirma que “as línguas humanas são equivalentes na sua essência, embora sejam diferentes na sua superfície (...) e leva-nos a refletir sobre a imensa diversidade cultural, seja de um país para outro, ou no interior de cada país”. Após essa discussão, o autor apresenta a explicação sobre estrangeirismo e completa

com uma atividade de interpretação textual do texto “Bobagens” de Sírío Possenti, o qual aborda todo o conteúdo abordado (diversidade linguística, preconceito linguístico e estrangeirismo). Ainda no capítulo 12, o autor explica o conceito de gramática, porém, mantém o viés variacionista e retoma o que já havia sido explicado sobre língua. Por conseguinte, o autor conclui:

A língua, então, como estamos vendo, é um fenômeno organizado: toda e qualquer língua é um complexo sistema, uma complexa estrutura. Em outras palavras, toda e qualquer língua tem um conjunto de princípios com base nos quais os falantes constroem seus enunciados. Utilizando um termo técnico, diremos que toda e qualquer língua tem *gramática*. (FARACO, 2013a, p. 194).

O autor, após apresentar os conteúdos, ora faz um resumo do que foi visto ora apresenta algumas observações complementares, as quais trazem informações que completam o que já foi abordado. Em um desses espaços, foi possível observar a explicação de língua padrão (ou norma padrão), quando o autor declara que

As gramáticas (no sentido de *livros*²⁰) que se vendem por aí não têm o objetivo de descrever a língua (como procuram fazer cientificamente os linguistas), mas tratam fundamentalmente das regras de “bom comportamento” linguístico, isto é, das regras que temos de seguir socialmente, em certas circunstâncias, se queremos que nosso modo de falar seja considerado “correto”. Por isso é que chamamos essas gramáticas de *normativas*. (FARACO, 2013a, p. 195)

Com base no exposto, compreendemos que o autor critica a forma em que é ensinada a língua portuguesa. Considera uma forma engessada, a qual segue manuais normativos, então, o mesmo busca demonstrar que o ensino da língua deve implicar o ensino de gramática, preocupado em romper com o preconceito linguístico, com vistas a aceitar a língua do falante e a adequá-la às normas de uso.

O capítulo 13, no bloco “Enciclopédia da linguagem (4)”, denominada “A flexibilidade das línguas”, foi possível observar que o autor relata um aspecto fundamental que caracteriza a língua, sua flexibilidade, ou seja, a língua “é um sistema (tem uma organização) aberto (infinito)”. Logo, Carlos Alberto Faraco afirma que, “embora nem todas as seqüências de palavras constituam enunciados gramaticais, a organização da língua não é, de modo algum, rígida” (p. 198). Nesse sentido, o autor

²⁰ O autor apresenta os três sentidos da palavra gramática (1º gramática – conjunto de princípios que constituem uma língua; 2º gramática – saber linguístico e 3º gramática – livro que tenta descrever uma língua ou uma das variedades da língua).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

conclui que os falantes têm diversas alternativas para expressar um mesmo conteúdo, já que a língua pode ser moldada pelo seu falante em diversas situações conforme suas necessidades, e que essas inúmeras escolhas individuais entre palavras, expressões e estruturas, dão o tom pessoal à expressão chamada de “estilo”.

Verificamos que neste primeiro volume, o autor apresentou muitos textos para a leitura, porém, apresentou poucas atividades e em sua grande maioria é direcionada à produção textual.

No volume 2 dessa coleção, no capítulo 10, bloco “enciclopédia da linguagem”, Carlos Alberto Faraco (2013b) retoma às características da língua do volume 1 e apresenta, neste capítulo, a “Variação Linguística” como tema principal. O referido autor apresenta o tema e propõe incorporá-lo à variabilidade social e histórica e à lista de características da língua. No enunciado “A língua é um conjunto de variedades”, o autor salienta que a língua varia continuamente conforme

- A situação em que estamos (formal e informal);
- quem são nossos interlocutores (mais jovens ou mais velhos; conhecidos ou desconhecidos);
- e ainda, conforme o papel social que estamos exercendo naquele momento (aluno ou professor; chefe ou colega de trabalho). (FARACO, 2013b, p. 158)

Logo, podemos concluir que a língua não é homogênea nem uniforme, visto que, é possível a todos observarem suas variedades (na pronúncia, no vocabulário, na estruturação gramatical), pois todas se materializam como *um conjunto de variedade geográfica, social e contextual* (FARACO, 2013b, p. 158). A esse respeito, Bagno (2003) afirma que

(...) a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização. (BAGNO, 2003, p. 15)

Ainda neste capítulo, o autor apresenta a descrição de ‘variação geográfica’ e declara que “em várias regiões do País, convivem, num mesmo espaço geográfico, diferentes variedades regionais” (FARACO, 2013b, p. 160). O mesmo declara que as marcas linguísticas regionais fazem parte dos processos que formam nossa identidade e, ao mesmo tempo que este falar regional (marcas linguísticas) nos diferencia das pessoas de outras regiões, ele também nos aproxima de nossos conterrâneos, por partilhar o mesmo modo de falar.

Na sequência, o autor apresenta a ‘variação social’ e afirma que a língua varia de grupo social para grupo social (os idosos falam diferente dos adolescentes, as mulheres dos homens, pessoas com menor escolaridade das com maior escolaridade, pessoas do campo das pessoas da cidade), por ser os fatores como (gênero, idade, escolaridade, estado socioeconômico) participantes dos processos de diferenciação linguística à medida que condicionam experiências sociais (FARACO, 2013b, p. 161). O referido autor ainda alerta para o pesado fator de discriminação linguística e faz um alerta ao diferenciar o ‘português culto’ do ‘português popular’.

Entre os falantes do português “culto” (qualificativo que mal disfarça o preconceito, já que não há grupo humano sem cultura), há uma poderosa escala de valores que coloca o seu próprio modo de falar como “superior”, “melhor”, “certo” e estigmatiza o português popular como “inferior” e “errado” (estigma que alcança os seus falantes – logo tratados como “ignorantes” e “incultos”, *juízo que contribui para reforçar a situação de discriminação e exclusão que os atinge historicamente*. (FARACO, 2013b, p. 161 – Grifo nosso)

Bagno (2003) compartilha da mesma opinião de Carlos Alberto Faraco (2013b) com relação ao problema apresentado pela terminologia ‘norma culta’. Para Bagno (2003), esta terminologia contraria as óticas sociológica e antropológica, as quais defendem que “não existe nenhum ser humano que não esteja vinculado a uma cultura, que não tenha nascido dentro de um grupo social com seus valores, suas crenças, seus hábitos, seus preconceitos, seus costumes, sua arte, suas técnicas, sua língua (...)”. (BAGNO, 2003, p. 58)

O autor, ao apresentar a “variação contextual”, afirma que “Somos verdadeiros *camaleões linguísticos*, isto é, não falamos sempre do mesmo jeito, mas adaptamos nosso modo de falar ao ambiente que estamos” (FARACO, 2013b, p. 163), visto que, a fala será mais coloquial em situações de informalidade e mais cuidada em situações de formalidade. Em seguida, o autor alega que, por sermos um país multilíngue, a língua deve apresentar certa padronização linguística, para que assim seja possível se realizar a interlocução ampla e suprarregional, relativamente isenta de marcas restritas do ponto de vista social e regional, para assim ser utilizada como “base” nos meios de comunicação social, no funcionamento do Estado. No ensino, porém, o autor alega que é de suma importância que esse ideal de “variedade padrão” não se transforme num instrumento de autoritarismo e discriminação social. Sobre essa questão, Bortoni-Ricardo (2005) defende que

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reais dependem das circunstâncias que cercam a interação. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15)

Neste volume, o autor apresenta quatro atividades, a primeira refere-se ao texto “A loucura da liberdade: é a hora que ele tá ficando livre da indústria”, na qual é proposta a observação das marcas características da narrativa oral, da situação mais informal e, em seguida, a produção de um texto adequada a forma da língua às expectativas sociais que recobrem o texto escrito, ou seja, utilizando as marcas da língua padrão.

Já na segunda e na terceira atividades, o autor propõe discussões do sentido social da cultura hip-hop na primeira e uma discussão referente à afirmação “*Esse negócio de falar errado não é fácil. Precisa saber falar errado. Muitas vezes o errado é certo*” de Adoniram Barbosa. E na quarta atividade, o autor utiliza como atividade a leitura e análise do texto “Não existem línguas uniformes”, de Sírio Possenti. Ele pretende ratificar a discussão sobre a heterogeneidade linguística.

No volume 3, ao contrário dos volumes 1 e 2, que trataram os temas variação e preconceito linguístico, de forma expressiva, no volume 3, o autor apresenta o tema somente em três momentos. No primeiro momento, no capítulo 11, no bloco “Guia Normativo (1)”, denominado “tópicos de língua padrão (1)”, espaço reservado para a expressão escrita, no qual o autor apresenta os quatro planos integradamente (o interacional, o textual, o gramatical e o gráfico), e reserva no plano gramatical um espaço para tratar da língua padrão. Ele explica a diferença do uso da linguagem formal e informal e deixa evidenciado que tudo é uma questão de “adequação da língua a diferentes contextos”. Carlos Alberto Faraco (2013c, p. 181) ainda, neste primeiro momento, o autor retoma a questão da expectativa social em se usar a língua padrão (o português *standard*)²¹ e apresenta um tópico intitulado “A língua padrão é um peixe ensaboador”, denominação que, segundo Carlos Alberto Faraco (2013c, p. 182), ocorre pela dificuldade presente em descrevê-la rigorosamente e de defini-la, visto que as transformações sociais, políticas e econômicas ocor-

²¹ Nomenclatura utilizada pelo autor para se referir à língua-padrão.

rem frequentemente e em curtos espaços de tempo em uma sociedade. Neste tópico, o autor aborda as vantagens socioculturais da língua padrão, além de afirmar que os gramáticos conservadores apresentam dificuldade no reconhecimento da não uniformidade da língua padrão.

O segundo momento foi no capítulo 12, no bloco “Guia Normativo (2)”, denominado “tópicos de língua padrão (2)”, que autor abordou tópicos da análise gramatical da língua, destinados ao estudo do léxico e das sentenças simples e complexas. Retoma o assunto da variedade linguística nos comentários relacionados ao uso dos pronomes e das posições na língua falada e escrita. É interessante salientar que o autor sistematiza os tópicos de análise gramatical da língua em uma “perspectiva crítica embasada na Sociolinguística. Ele explicita normas básicas dessa língua, relativas à concordância, à regência, ao infinitivo flexionado, ao uso de pronomes pessoais e possessivos etc.”. (BRASIL, 2014, p. 51)

Em relação às atividades dos capítulos anteriormente analisados, todas foram direcionadas às questões morfossintáticas, textuais e discursivas. O terceiro momento foi exatamente em uma atividade de análise e interpretação textual, presente no capítulo 4, referente ao gênero argumentativo. O texto intitulado “O preconceito nosso de cada dia”, de Jaime Pinsky, contesta com humor e tom coloquial os chavões que definem raças, pessoas, religiões etc.

6. Considerações finais

Na coleção “Português – Língua e Cultura”, de Carlos Alberto Faraco, analisamos os livros enviados para os professores da rede estadual de ensino (*Manual do Professor*). Pudemos observar que o autor buscou seguir todas as recomendações do MEC; abordou amplamente as questões dos gêneros textuais; acrescentou capítulos para a literatura afro-brasileira e, diferente de outros livros didáticos, reservou capítulos para tratar da variação linguística e preconceito linguístico. Porém, acreditamos que o autor pecou em não reservar mais espaço para atividades que abordassem questões sociais, pois abrangeu os contrastes e conflitos do uso das variedades estigmatizadas e as de prestígio. No entanto, faz-se importante atentar para a forma que o autor englobou as questões gramaticais com as motivações sociais que a variação linguística pode apresentar.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Além disso, é importante acentuar a ênfase dada à diversidade linguística, à heterogeneidade e à presença do multilinguismo, abordados nesta coleção de maneira bem mais ampliada. Isto porque alguns livros didáticos ainda mantêm o foco em questões da gramática normativa. Há o esquecimento da grande riqueza linguística presente em um país como o Brasil, carência que infelizmente ainda ocasiona o preconceito linguístico.

Acreditamos que, para sanar tal lacuna e combatermos o preconceito linguístico ainda tão presente em nossa sociedade, devem-se ampliar ainda mais os estudos sociolinguísticos na área educacional, buscar englobar ainda mais assuntos referentes à diversidade linguística, heterogeneidade e ao multilinguismo nos livros didáticos, além de dar meios e instrumentos para que professores, peças essenciais no ensino/aprendizagem da língua portuguesa, possam disseminar de maneira ampla e exata o fenômeno da variação linguística como fato social e cultural da língua. É preciso deixar o livro didático apenas como apoio teórico e não como instrumento primordial das aulas de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MEC/SEB. *Guia de livros didáticos*: PNLD 2015: língua portuguesa: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. *Português ou brasileiro?* São Paulo: Parábola, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística & educação. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. *Guia do livro didático*: PNLD 2015: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEB/FNDE, 2014.

BRASIL. MEC/SEMT. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999. 4v

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. *Português: língua e cultura: língua portuguesa*. 1º ano, volume 1: ensino médio, manual do professor, 3. ed. Curitiba: Base, 2013a.

_____. *Português: língua e cultura: língua portuguesa*. 2º ano, volume 2: ensino médio, manual do professor, 3. ed. Curitiba: Base, 2013b.

_____. *Português: língua e cultura: língua portuguesa*. 3º ano, volume 3: ensino médio, manual do professor, 3. ed. Curitiba: Base, 2013c.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 63-92.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2000.